Fernanda Teles de Oliveira João (ECA)

Introdução

Este ensaio tem como propósito analisar as palestras ministradas durante o segundo bimestre da disciplina Temas e Práticas em Relações Internacionais. O curso, organizado pelos professores Pedro Dallari e Jacques Marcovitch na Universidade de São Paulo (USP), levou para os alunos seminários feitos por profissionais com referências nacionais e internacionais nos assuntos trabalhos. Isso proporcionou para os estudantes um maior contato com temas atuais e de alta relevância, como sistemas financeiros, *fake news* nas redes sociais, missões humanitárias, tecnologia, governança global e demografia. E este ensaio, portanto, se propõe a tratar dos referidos temas de modo a apreciá-los de forma crítica, fazendo relações com as Tendências e os Riscos Globais do século XXI e com o papel do jornalista na cobertura dos possíveis problemas.

Aula 09 | 05/10 - Tendências Econômicas e Riscos Financeiros

Em agosto de 2015, a agência de classificação de risco Austin Rating rebaixou a nota de crédito de longo prazo do Brasil em moeda estrangeira de 'BBB-' para 'BB+'. Em setembro, a Standard and Poor's fez o mesmo. Em fevereiro de 2016, a agência Moody's derrubou a nota do país em dois pontos de uma só vez e em maio, a Fitch reduziu a nota de BB+ para BB. Por conta disso, o Brasil perdeu o seu grau de investimento e o seu selo de bom pagador, segundo a visão das maiores agências de rating do mundo.

A grande cobertura jornalística sobre o rebaixamento do Brasil nos ratings foi essencial para chamar a atenção das pessoas sobre o tema e conscientizá-las da existência dessas classificações. Graças às matérias produzidas, criou-se um maior entendimento sobre o assunto e uma maior preocupação do povo brasileiro com a economia do país. No entanto, também é necessário ressaltar a parcialidade de alguns jornais, que apenas vinculavam essas informações como forma de ataque ao governo da época, de Dilma Rousseff — quando, na verdade, deveriam vincular visando informar seus leitores sobre um assunto tão importante.

Devido aos resultados cada vez piores das contas públicas, o Brasil se mostra incapaz de lidar com o seu endividamento, já que seus gastos são maiores do que as receitas. E, apesar da continuação desse cenário não ser uma tendência, ele pode apresentar sérios riscos para a economia do país — principalmente quando se fala em investimentos estrangeiros. Se o governo não continuar avançando em relação à flexibilização fiscal do país e a Reforma Trabalhista, o déficit continuará crescendo e prejudicará ainda mais o crescimento econômico do Brasil.

É válido apontar ainda as tendências e riscos econômicos globais para o atual século, segundo o Fórum Econômico Mundial, que elabora todos os anos o Relatório de Riscos Globais. Neste ano, o desemprego e o subemprego foram escolhidos como os riscos mais importantes e que, portanto, merecem maior atenção.

No entanto, também é possível apontar tendências positivas do ponto de vista econômico. Segundo a Bain & Company, uma das maiores consultorias de negócios do mundo, a descentralização da concentração de riquezas é um fenômeno esperado para os próximos anos, principalmente devido ao crescimento dos países emergentes.

Aula 10 | 19/10 - Tendências das Mídias Sociais: Opinião Pública e Democracia

O site de onde vem a notícia é conhecido? A URL é confiável? Trata-se de um veículo jornalístico de qualidade? Foi um jornalista profissional que assinou a matéria? A reportagem possui fontes? Elas são conhecidas e possuem relevância para o assunto tratado? Muitas são as perguntas que uma pessoa deve fazer antes de acreditar em uma notícia, principalmente com o aumento da circulação de notícias falsas nos dias de hoje.

As redes sociais são lugares férteis para a proliferação de notícias falsas. Muitos indivíduos com intenções maldosas — seja de difamar alguém ou de gerar uma situação de caos — criam as famosas *fake news*, matérias com cara jornalística, mas que não têm nada de real.

O fenômeno das *fake news* encontra um bom solo e é uma tendência principalmente em países que estão enfrentando uma grave crise económica e política, como o Brasil. No país a cada dia surge uma nova "informação" sobre o governo, que, na realidade, apenas trata-se de invenção. No entanto, por ser um tema de grande interesse público, a suposta matéria se espalha facilmente — e engana diversos brasileiros.

Mas trata-se de um fenômeno global. A ascensão de Donald Trump como presidente dos Estados Unidos levantou a discussão sobre o assunto. O presidente é uma ameaça ao jornalismo de verdade, devido aos seus ataques constantes aos jornalistas e aos veículos que propagam notícias suas e sobre seu governo. Ele costuma descredibilizar notícias reais e isso pode trazer um sério problema para o jornalismo.

As f*ake new* são, portanto, um risco para as pessoas e para a própria produção jornalística de qualidade. Isso faz com que as pessoas comecem a desconfiar dos jornalistas, mesmo quando eles não cometem erros e não criam notícias falsas, seguindo a ética da profissão.

É importante ressaltar que o jornalismo é uma profissão essencial para a Opinião Pública e para o estabelecimento de uma Democracia, e qualquer ameaça contra a profissão pode gerar sérios riscos para a população. O que deve ser combatido são as notícias falsas, que já existem há anos e apenas prejudicam as sociedades, e o seu direito de conhecer a verdade.

Aula 11 | 26/10 - Comitê Internacional da Cruz Vermelha: Missão e Desafios Humanitários

O Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV) é uma organização independente, imparcial e neutra, cuja missão é exclusivamente humanitária, visando proteger e assistir vítimas de conflitos armados e outras situações de violência. Tal entidade, portanto, se faz essencial nos dias de hoje, principalmente devido às tendências de conflitos internos nos países — e a miséria humana que muitos ainda enfrentam em determinadas regiões do mundo.

O crime organizado, por exemplo, está em ascensão nos últimos anos e seu crescimento, infelizmente, é uma tendência. Como ele, o número de conflitos armados, a presença de jihadistas e a abordagem antiterrorista também estiveram em constante aumento nos últimos anos. Dessa forma, as missões humanitárias são imprescindíveis, já que envolvem dar assistência, proteger e prevenir as populações que se encontram no meio dessas guerras e conflitos.

Essas tendências violentas fazem com que a vida das pessoas em certos países do mundo seja constantemente colocada em perigo, além de ser um risco para os regimes de governo democráticos e o fornecimento de recursos básicos para a vida humana. No Iêmen, por exemplo, a situação é alarmante. O país atualmente enfrenta uma guerra civil intensa, que praticamente foi esquecida pelas pessoas e pela mídia. O CICV realiza suas ações no país, que enfrenta a falta de sistemas de água potável e esgoto — ou pelo menos tenta. Até o dia 23 de novembro de 2017, o aeroporto de Sanaa estava fechado, o que impossibilitava a chegada de ajuda. Isso evidencia, por sua vez, a situação caótica dos lugares que enfrentam conflitos armados e como até a assistência enfrenta dificuldades para realizar suas missões.

Os jornalistas também possuem um papel fundamental nesse assunto. Quando o jornalismo cobre a realização de missões humanitárias ou conflitos armados, ele reforça a importância desse apoio, já que mostra — por meio de imagens ou texto — o que as populações passam. Consequentemente, quando determinados países com tais problemas não entram em pauta na mídia, o jornalismo se torna parte dos responsáveis por silenciar essas situações, fazendo com que pareça que elas não existem.

Aula 12 | 09/11 - Tendências demográficas e os riscos globais de saúde

A redução do crescimento demográfico é, com certeza, uma das maiores tendências globais do século, juntamente com o aumento da população idosa. Isso se deve à diminuição da taxa de

fecundidade, o que significa que as mulheres estão tendo menos filhos. No Brasil, por exemplo, — de acordo dados das Nações Unidas — entre 1975 e 1980 a taxa de filhos por mulher era de 4,28 filhos e, atualmente, é de 1,70.

Outro tema importante que envolve a população mundial como um todo, principalmente quando se fala em aumento da população idosa, são os riscos globais de saúde. A cada vez maior agilidade e facilidade na locomoção entre regiões e países diferentes, a poluição, as mudanças climáticas, os novos hábitos alimentares (que incluem *fast foods*, muito sódio e gordura) e a maior resistência de microrganismos são tendências que geram sérios riscos a saúde.

Segundo uma pesquisa feita pela World Health Organization, as principais causas de morte no mundo em 2015 foram: infarto do miocárdio, AVC, doenças pulmonares crônicas, infecções respiratórias e doenças diarreicas. Dessa forma, se torna perceptível como as tendências podem ter resultados danosos para a saúde da população, já que a maioria dessas doenças apresenta alguma ligação com elas. A poluição, por exemplo, está diretamente relacionada ao aumento de casos de infecções respiratórias e o infarto ao consumo de alimentos nada saudáveis.

Sendo assim, o jornalismo se mostra importante por viabilizar o conhecimento das pessoas sobre surtos de doenças. A cobertura sobre a febre amarela no Brasil, por exemplo, fez com que muitos tomassem a vacina, procurando se prevenir da doença. E é exatamente por conta disso que as matérias jornalísticas são essenciais, já que informam a população sobre maneiras de se evitar problemas de saúde. Outras profissões que se tornam essenciais dentro desse cenário, portanto, são aquelas ligadas à saúde pública. Estes comumente são trabalhos invisíveis presentes na sociedade e que são importantes para garantir a qualidade de vida.

É importante apontar também o fato de que muitos dos determinantes para uma vida saudável da população não estão ligados diretamente com a saúde pública, mas com políticas de sistemas internacionais — o que frisa a igual importância do governo e da economia para garantir saúde pública de qualidade.

Aula 13 | 16/11 - Processos de Governança Global: Êxitos e Fracassos

Cooperação política transnacional: esta é a chave para uma boa governança global. É ela que possibilita a negociação de soluções para problemas que afetam mais do que uma região do mundo e é imprescindível para uma melhor interação entre os países.

A cada vez maior interdependência entre os países também faz com que seja necessária uma boa governança global. Ela é essencial para o desenvolvimento de regulamentos e leis de validade global. E este é exatamente um dos êxitos desse movimento de cooperação. É graças à relação próspera entre os países que se torna possível o estabelecimento de normas importantes que regem o comportamento de governantes e empresas ao redor do mundo.

No entanto, a governança também apresenta certos fracassos. Justamente devido à burocracia com que ocorre o estabelecimento dessas normas, elas acabam não acompanhando o rápido desenvolvimento tecnológico e isso traz riscos para diversos setores da sociedade, como o meio ambiente.

A partir da década de 70, a integração econômica e os avanços tecnológicos causaram um reforço desse sentimento de cooperação e interdependência da sociedade internacional. A área ambiental citada anteriormente está no centro dessa conversa, principalmente devido à conscientização sobre os riscos que afetam o setor e que não são passíveis de solução de forma individual para cada Estado — até, porque, envolve prejuízos que possuem um alcance global.

A governança global é uma tendência das próximas décadas e está deslocando o eixo da atividade política, antigamente muito centrada nas decisões e na legislação individuais de cada Estado. O unilateralismo não se mostra mais tão eficiente para resolver problemas sociais e mitigar os riscos globais, sejam de origem economia, política ou ambiental.

O jornalismo entra nesse cenário como aquele que leva as discussões de origem transnacional para a população. Muitos dos Comitês e Organizações tomam decisões que parecem distantes para as pessoas, apesar de tratarem de problemas que afetam diretamente seu dia a dia. Dessa maneira, é o jornalista o responsável por tornar essas discussões globais mais acessíveis e passíveis de entendimento.

Aula 14 | 23/11 - Tendências tecnológicas e segurança digital

As telecomunicações, que considera todas as formas de comunicação à distância, são essenciais para o desenvolvimento econômico, social e político. A migração de sistemas e serviços para as redes são um exemplo de mudança possibilitada por essa tecnologia, que tem, inclusive, moldado as relações humanas e os costumes das pessoas ao redor de todo o mundo.

A criação de Cidades Inteligentes é uma tendência viabilizada pelo desenvolvimento tecnológico e pelo uso cada vez maior das telecomunicações. O conceito de *Smart Cities* abrange a ideia de pessoas interagindo entre si e com determinados materiais e serviços, os quais são usados de modo estratégico — por meio do fornecimento de dados e informações — para o planejamento da gestão urbana. Isso possibilita uma resposta mais rápida para as necessidades especiais de certa sociedade, sejam elas sociais ou econômicas.

Essa migração para a forma digital, no entanto, faz com que se dependa da internet e da interface aérea. Essas, por sua vez, trazem seus riscos, por serem passíveis de violação. Um dos principais riscos é o sequestro de dados, dentre eles alguns extremamente importantes para o governo e para a economia dos países. O vírus WannaCry, que paralisou grandes órgãos como o INSS, é um dos exemplos recentes de invasores. Muitos deles apenas têm a intenção de conseguir dinheiro, mas há também um sério problema em relação ao sigilo e a segurança dos dados.

Um dado interessante se refere à possibilidade da 4° Revolução Industrial. Ela é considerada uma solução para esses diversos riscos e também possui um grande potencial para ser a geradora de novos. Os empregados tendem a se afastarem dos modelos de trabalho tradicionais, por exemplo, o que pode criar sérios problemas para eles caso não haja uma rápida regulamentação e mudança de legislação sobre esse ponto. Além disso, a grande presença de dados importantes na rede pode resultar em ciberataques mais frequentes — colocando em risco o sigilo e a segurança das pessoas e das informações presentes na internet.

É válido ressaltar ainda a importância do jornalismo na cobertura desses grandes ataques. Isso serve como um alerta para as pessoas sobre a importância da discussão sobre o tema do sigilo e da segurança de dados na rede.

Considerações Finais

O segundo ciclo de palestras, que foram ministradas entre outubro e novembro de 2017, me fez pensar sobre a importância de temas que nunca tinha pensado antes, como a Governança Global e as Missões Humanitárias. Além disso, as palestras me proporcionaram um maior contato com assuntos que já fazem parte do meu dia a dia como estudante de jornalismo — como a aula sobre *fake news* e redes sociais.

Com a elaboração do ensaio, ampliei meu senso crítico em relação aos temas principais discutidos durante o bimestre e consegui relacioná-los às Tendências e Riscos Globais do atual século, analisando também como ocorre a cobertura jornalística em cima desses temas e se ela, de fato, conscientiza a população sobre os riscos da inação.

Por fim, as palestras e o ensaio em si se mostraram essenciais para que eu ampliasse meu conhecimento sobre temas como tecnologia e percebesse como a minha profissão se faz tão importante em um tempo no qual as notícias falsas se espalham rapidamente — e, muitas vezes, acabam tendo mais valor e atenção do que as verdadeiras reportagens.

Referências

ALVARENGA, Darlan. **Brasil perde grau de investimento em classificação de agência de risco local.** *G1*. São Paulo. 23/07/2015. Disponível em: http://g1.globo.com/economia/noticia/2015/07/brasil-perde-grau-de-investimento-em-classificacao-de-agencia-de-risco-local.html. Acesso em: 22/11/2017.

ALVARENGA, Darlan; LAPORTA, Taís; TREVIZAN, Karina. **Standard and Poor's tira grau de investimento do Brasil**. *G1*. São Paulo. 09/09/2015. Disponível em: http://g1.globo.com/economia/noticia/2015/09/standard-and-poors-tira-grau-de-investimento-do-brasil.html. Acesso em: 22/11/2017.

BENTO, Leonardo Valles. **GOVERNANÇA GLOBAL: uma abordagem conceitual e normativa das relações internacionais em um cenário de interdependência e globalização.** Florianópolis. 2017. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/89641/245534.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 25/11/2017.

CALEIRO, João Pedro. **6 tendências econômicas até 2020, segundo a Bain & Company**. *Exame*. São Paulo. 07/01/2016. Disponível em: https://exame.abril.com.br/economia/6-tendencias-economicas-ate-2020-segundo-a-bain-company/. Acesso em: 22/11/2017.

COMITÊ INTERNACIONAL DA CRUZ VERMELHA. **Iêmen: fechamento das fronteiras paralisa sistemas de água e esgoto, aumentando o risco de cólera.** 17/11/2017. Disponível em: https://www.icrc.org/pt/document/iemen-fechamento-das-fronteiras-paralisa-sistemas-de-agua-e-esgoto-aumentando-o-risco-de. Acesso em: 24/11/2017.

DEUTSCHE WELLE. **A guerra esquecida do Iêmen.** 10/11/2017. Disponível em: https://g1.globo.com/mundo/noticia/a-guerra-esquecida-do-iemen.ghtml. Acesso em: 24/11/2017.

FGV PROJETOS. **O que é uma cidade inteligente?** Disponível em: http://fgvprojetos.fgv.br/noticias/o-que-e-uma-cidade-inteligente. Acesso em: 24/11/2017.

G1. **Moody's tira grau de investimento do Brasil**. São Paulo. 05/05/2016. Disponível em: http://g1.globo.com/economia/noticia/2016/02/moodys-tira-grau-de-investimento-do-brasil.html. Acesso em: 22/11/2017.

G1. **Fitch volta a rebaixar nota do Brasil**. São Paulo. 05/05/2016. Disponível em: http://g1.globo.com/economia/noticia/2016/05/fitch-volta-rebaixar-nota-do-brasil.html

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4128268/mod_resource/content/3/USP_Presentation_SP_PORT_OUT%202017_Final.pdf. Acesso em: 22/11/2017.

MDS BRASIL. **Dossier – Riscos do futuro: Riscos emergentes e o advento da sociedade digital.** 06/10/2017. Disponível em: http://www.mdsinsure.com.br/dossier-riscos-futuro/. Acesso em: 24/11/2017.

MUNHOZ, Vinicius. **WannaCry, o ransomware que fez o mundo chorar na sexta-feira (12).** *TecMundo.* 12/05/2017. Disponível em: https://www.tecmundo.com.br/malware/116652-wannacry-ransomware-o-mundo-chorar-sexta-feira-12.htm. Acesso em: 24/11/2017.

RTP NOTÍCIAS. **Porto e aeroporto de Sanaa reabrem no Iémen para ajuda humanitária.** 22/11/2017. Disponível em: https://www.rtp.pt/noticias/mundo/porto-e-aeroporto-de-sanaa-reabrem-no-iemen-para-ajuda-humanitaria_n1041938. Acesso em: 24/11/2017.

SCHABBACH, Letícia Maria. **O crime organizado em perspectiva mundial.** In: Sociologias. Ano XV. n°.ed. 34. Porto Alegre. 2013. p.278-293. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/soc/v15n34/11.pdf. Acesso em: 24/11/2017.

da SILVA, Carlos Eduardo Lins. **Da pós-verdade ao risco da pós-imprensa.** *Observatório da Imprensa*. 15/08/2017. Disponível em: http://observatoriodaimprensa.com.br/edicao-brasileira-da-columbia-journalism-review/da-pos-verdade-ao-risco-da-pos-imprensa/. Acesso em: 22/11/2017.

UNITED NATIONS. **World Population Prospects.** Disponível em: https://esa.un.org/unpd/wpp/Publications/Files/WPP2017_KeyFindings.pdf. Acesso em: 24/11/2017.

VELASCO, Clara. **Como saber se uma notícia é falsa.** *G1*. 02/04/2017. Disponível em: https://g1.globo.com/e-ou-nao-e/noticia/como-saber-se-uma-noticia-e-falsa.ghtml. Acesso em: 22/11/2017.

WIKIPEDIA. **Governança global.** Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Governan%C3%A7a_global. Acesso em: 24/11/2017.

WORLD ECONOMIC FORUM. **The Global Risks Report 2017 - 12th Edition**. Disponível em: https://www.zurich.com.br/_/media/dbe/brazil/images/components/stageslider/global-risk/2017/global-risks-report-2017.pdf?la=pt-br&hash=EFB500DFA8713AD676415DB8A3049663B885C65D. Acesso em: 22/11/2017.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Projections of mortality and causes of death,**

2015 and 2030. Disponível em: http://www.who.int/healthinfo/global_burden_disease/projections/en/. Acesso em: 22/11/2017.

ZURICH. **Relatório de Riscos Globais 2017 do World Economic Forum aborda perigos ambientais e sociais.** 06/02/2017. Disponível em: https://www.zurich.com.br/pt-br/2/articles/2017/02/relatorio-riscos-globais-2017. Acesso em: 23/11/2017.

Luca Artiolli de Marco Mauro (POLI)

Século XXI: tecnologia e dinamismo das relações sociais

1. Ratings: parâmetros para o crédito internacional

É fato que a dinâmica econômica atual é muito mais complexa do que a vista no último século. O fim da cortina de ferro e a liberalização de sociedades resultou em economias cada vez mais abertas ao mercado estrangeiro, bem como mais dependentes da conjuntura econômica global do que apenas de suas particularidades financeiras.

São conhecidas as iniciativas de países e organizações – notadamente o FMI – no sentido de empréstimo de capitais à países que os buscam no mercado internacional. Esses empréstimos são requeridos para o pagamento de dívidas, investimentos em infraestrutura, dentre outras necessidades e interesses. Surge, desse quadro, a necessidade de avaliação da capacidade de governos e instituições de honrarem seus compromissos – os pagamentos de dívida. É lógico raciocinar que nenhuma entidade irá emprestar dinheiro a outra que não apresente condições de honrar os empréstimos e seus juros subsequentes. Empresas como S&P, Fitch e Moody's são exemplos na avaliação de países e empresas, estabelecendo parâmetros e índices para que o mercado saiba se é possível confiar no pagamento de compromissos de determinada organização.

Tomemos como exemplo a Argentina. O país sul-americano, outrora símbolo de prosperidade econômica, foi acometido com regimes populistas e nacionalistas durante grande parte do século XX. É natural pensar que, após o populismo peronista e ditaduras militares sanguinárias - as mesmas responsáveis por uma cara e desastrosa guerra contra a Inglaterra - a saúde econômica do país estivesse seriamente comprometida. Os governos democráticos Alfonsín e Menem travaram

batalha contra a crônica inflação e o déficit público. Iniciativas interessantes, como o Plano de Conversibilidade (forçando a âncora fiscal) surtiram algum efeito no curto prazo, mas o país não resistiu à crise financeira latino-americana da década de 1990 (iniciada no México – 'tequila effect'), e à asiática. Em 2001, a argentina declarou default técnico, ou seja, a incapacidade de honrar suas dívidas. A partir daí, tornou-se praticamente impossível para o governo argentino fazer o pedido de empréstimos no exterior. Afinal, sua capacidade de honrar compromissos tornou-se extremamente comprometida e o mercado tomou ciência disso.

A análise dos ratings argentinos ilustra como períodos de crise os influenciaram negativamente[1]. Em dezembro de 2001, auge da crise argentina, a agência Moody's caracterizou o país com o rating "Caa3", um dos mais baixos de sua classificação, indicando quadro de provável default. Anos depois, em 2017, com significativa melhora no quadro econômico do país, a classificação elevou-se para "B3", muito mais atrativa. Vale notar que, associado ao rating de uma nação, há um indicativo de melhora ou piora seu quadro econômico. Quando o endividamento não é compensado pelo crescimento do Produto Interno Bruto, indica-se status "negativo" de rating. Caso contrário, temos quadro "positivo".

2. Mídias sociais e a veracidade das informações

A complexa dinâmica social do século XXI não afetou apenas a economia, mas se manifestou modificando a forma na qual as informações são divulgadas.

O midiático presidente americano Donald Trump trouxe à tona o termo *fake news* (notícias falsas) ao acusar jornalistas de distorcer suas palavras e fabricar conteúdo – muitas vezes sensacionalista – para minar sua campanha presidencial e subsequente gestão à frente da Casa Branca.

Apesar da polêmica gerada por Trump, as notícias falsas não são novidade – nem o próprio termo *fake news*. Existem dois tipos de distorções midiáticas, que fogem do padrão de qualidade do jornalismo sério e informativo: a deliberada criação de mentiras e a distorção de informações. É natural raciocinar que ambos estão intimamente relacionados, mas é necessário fazer uma análise diferenciada para os dois casos.

Por diversas razões, como a criação de atrito político, são criadas notícias e matérias jornalísticas cujo conteúdo pode ser descrito como fabricado e falacioso. Cita-se como exemplo "Os Protocolos dos Sábios de Sião". Esse famigerado conjunto de textos, reunidos na forma de livro em 1903, consiste na descrição de um suposto complô judaico para a dominação do mundo. Alguns anos mais tarde, em 1921, o jornal britânico *The Times* revelou que os textos não passavam de uma grande farsa, forjada pela polícia secreta czarista, com objetivo de minar a comunidade judaico-russa e desviar a atenção da população dos problemas (estes reais) enfrentados pelo Império Russo. Entretanto, o estrago social promovido pelas publicações já estava feito. Os "Protocolos" serviram de justificativa para uma série de *pogroms* contra os judeus russos, forçando grande parte desta comunidade a emigrar em massa. Além disso, as autoridades nazistas utilizaram os textos como base para incitar o antissemitismo na década de 1930. Tristemente, esses textos fabricados ainda são citados em alguns países do Oriente Médio[3], muitos anos após terem sido desmentidos. Até hoje, "Os Protocolos dos Sábios do Sião" são estudados como os principais exemplos de campanhas de difamação e produção de conteúdo falso.

Já a distorção de informações ocorre de maneira mais sutil. É fato que a sociedade atual, amparada por uma série de bens eletrônicos, busca informações de forma mais rápida e dinâmica. Desta forma, textos curtos e manchetes tornaram-se cada vez mais relevantes e procurados. Escritores e divulgadores de informação mal-intencionados podem utilizar estes recursos para focar em uma temática que mais os convém, deixando de lado o todo jornalístico. Manchetes tendenciosas têm sido cada vez mais criticadas em diversos veículos de comunicação online e nas redes sociais.

Acabar com esse quadro não é uma tarefa fácil. É necessário que os veículos de comunicação se atenham à técnica jornalística imparcial. Quanto aos indivíduos que utilizam e acompanham as informações, é necessário estar atento à sua veracidade, buscar o maior número possível de fontes e referências e, por último, cobrar dos veículos que divulguem as informações que sejam, de fato, verdadeiras.

3. Cruz Vermelha: comprometimento com pautas humanitárias

Existe uma série de desafios enfrentados pelas organizações humanitárias em seu trabalho. O século XX, no qual houve o início do processo de descolonização, a

Guerra Fria e suas *proxy wars* foi marcado por um número enorme de conflitos. O século XXI, apesar de não mais inserido no contexto da guerra fria, não conseguiu reverter essa tendência. O número de conflitos atuais ainda é alarmante e por consequência afeta a vida de uma parcela importante da população mundial. Não só isso, as inovações tecnológicas não foram capazes de entregar à grande parte do mundo uma governança satisfatória, o que, sem dúvidas, contribui para o grande número de problemas e hostilidades atual.

A Cruz Vermelha é uma organização que, mesmo nos quadros mais adversos, atua de forma imparcial na promoção de socorro em desastres e uma série de programas comunitários. Seu trabalho é extenso e foi importantíssimo em alguns capítulos da história recente. Durante a Segunda Guerra Mundial, foi a Cruz Vermelha que forneceu apoio à prisioneiros de guerra em campos por toda a Europa. Não só isso, a partir de seu braço sueco, forneceu amparo e refúgio a inúmeras vítimas do holocausto.

Entretanto, a entidade possui complexos desafios humanitários. Chegar às pessoas necessitadas é um deles, uma vez que esta tarefa pode ser muito trabalhosa em países cuja infraestrutura, aliada à desafios geográficos (como extensão, hostilidade da vegetação), torna a locomoção extremamente difícil. Não só isso, muitos dos países alvo da Cruz Vermelha estão sob ameaça militar, e algumas regiões podem ter acesso proibido (*de jure* ou *de facto*) pelo governo ou forças rebeldes. É o caso do desastroso conflito na Síria e também na República Democrática do Congo, que vive um silencioso, porém mortal, conflito de pequena escala em suas vastas florestas do Leste.

Fortalecer comunidades é outra tarefa difícil. Para que isto ocorra não são necessários apenas recursos, mas também um grande esforço para que haja entendimento das características particulares de cada sociedade. É preciso também garantir que o Direito Internacional Humanitário possa proteger a população local, o que, em caso de regiões marcadas pela ausência de lei, pode se tornar uma tarefa difícil. Outra dificuldade é conseguir canalizar, a partir das ONGs e organismos internacionais com os mais diversos escopos, esforços para o trabalho comunitário. É fato que há uma grande disparidade de recursos e intenções entre as instituições, sendo necessário coordenar de forma conjunta estas entidades, promovendo simbiose entre suas atuações[4].

4. Saúde: impactos demográficos

Estudos de tendências demográficas são essenciais para que governantes possam tomar decisões estratégicas de longo prazo. Permitem, também, que as populações possam cobrar dos tomadores de decisão políticas que enxerguem como positivas para as futuras gerações de seus países.

Apesar das particularidades existentes entre as diversas nações do globo, nota-se um quadro de diminuição da população na maioria dos países desenvolvidos[5]. A população alemã, hoje próxima de 80 milhões pessoas, cairá à metade em um período de 80 anos. Os outros países europeus mais populosos, França, Reino Unido, Itália e Espanha, também terão um quadro abrupto de queda. Outro caso digno de nota é o do Japão. O país asiático, que já possui baixas taxas de fecundidade, também é conhecido por suas elevadas porcentagens de população idosa. As projeções indicam que, em um período de 80 anos, a população japonesa cairá dos atuais 120 milhões de habitantes para pouco mais de 30 milhões de pessoas. A queda, nada modesta, é um tema intensamente debatido em terras nipônicas, seja por sua atual literatura, seja em discussões políticas e partidárias.

Em contrapartida, algumas projeções indicam intenso crescimento demográfico para certos países. Os africanos Etiópia, Moçambique e Tanzânia estarão entre os dez países mais populosos do mundo em 2100. Apesar deste crescimento ser benéfico, em diversos casos, para fins econômicos, há a preocupação de que grande parte desta nova população viva à margem da sociedade, em situação de pobreza ou miséria. Os três países africanos citados não são, de forma alguma, conhecidos por sua boa governança e história progressista. Moçambique, país de língua portuguesa, viveu 15 anos de uma violenta guerra civil que praticamente destruiu a sua já incipiente infraestrutura. Tanzânia, apesar de não envolvida em um grande conflito recentemente, se engaja de forma constante em escaramuças com rebeldes provenientes da problemática República Democrática do Congo. Existe algum alento para a Etiópia que, apesar de um passado obscuro – marcado por períodos de fome durante o regime *derg*[6] – apresenta um saudável ritmo de desenvolvimento. Não por acaso, sua capital, Adis Abeba, é sede de algumas multinacionais instaladas na África e também da comissão da União Africana.

As projeções demográficas fornecem, sem dúvida, importantes dados. Entretanto, para um estudo mais rico acerca do futuro da população, é pertinente debater as questões relativas à saúde. É natural pensar que um sistema de saúde público mais eficiente eleva a longevidade média da população. Um estudo[7] de 2000 promovido pela Organização Mundial de Saúde aponta que os melhores serviços públicos de saúde do mundo eram França e Itália. Estes países apresentam, respectivamente, a 9ª e 6ª maiores longevidades em todo globo[8]. É claro que existem outros fatores envolvidos na variação da longevidade, como hábitos alimentares, culturais e profissionais. Mas, com toda certeza, um bom sistema de saúde é essencial para que a população viva por mais tempo.

Formadores de políticas públicas de saúde enfrentam alguns desafios na área. O saneamento básico é uma preocupação global, e seu desenvolvimento caminha junto ao da saúde pública. A Organização Mundial da Saúde estima que quase 2 bilhões de pessoas consumam água contaminada com fezes[9], contraindo doenças como diarreia e outras provocadas por vermes intestinais. A falta de educação alimentar e a facilidade de consumo de alimentos industrializados são preocupantes, uma vez que estão associados ao aumento nas taxas de obesidade. Não se deve esquecer que o desenvolvimento da saúde também reduz a mortalidade infantil, um gravíssimo problema que resulta na diminuição da longevidade. Hoje, países assolados por guerras, problemas crônicos de infraestrutura e ausência de lei como Afeganistão, Mali e Somália, apresentam as maiores taxas de mortalidade infantil[10]. Neste caso, se faz necessário o trabalho harmônico entre lideranças políticas locais, organismos internacionais e entidades de apoio humanitário para prover ajuda às populações carentes dos mais básicos serviços de saúde.

5. Governança global: desavenças regionais

A governança global não é uma tarefa fácil. A explicação para isto está nas particularidades enfrentadas pelas diversas nações do globo. É praticamente impossível traçar políticas que satisfaçam à mesma maneira países com políticas e prioridades distintas.

A União Europeia é um exemplo de governança que, embora não global, envolve uma grande gama de países. Sua formação se deu, de forma definitiva, em 1993, muito

embora este marco tenha sido precedido por uma série de tratados entre nações europeias. O período pós Segunda Guerra Mundial foi marcado por esforços internacionais para que conflitos como este fossem evitados pela diplomacia e boas relações. Mais do que isso, a cooperação europeia foi fomentada para que o continente não perdesse seu status de potência global frente às democracias da América do Norte, os Tigres Asiáticos, Japão, China e, até 1991, a União Soviética. A integração europeia, não mais limitada às boas práticas diplomáticas, evoluiu para uma união monetária, a chamada Zona do Euro. Hoje, são dezoito países que utilizam o euro como moeda.

Apesar dos benefícios e da euforia inicial da Zona do Euro, há quem critique o seu modelo econômico. Como exemplo, é possível citar alguns partidos políticos gregos, de diversos espectros políticos, que reclamam da falta de autonomia econômica de seu país frente ao Banco Central Europeu, sediado em Frankfurt. A Grécia não pode, dada sua dependência econômica, emitir títulos em quantidade ou promover um programa de desenvolvimento em infraestrutura que demande valores mais altos de investimento. Por outro lado, argumenta-se que, após anos de gastos públicos elevados, a Grécia deva passar por um período de austeridade – o que é defendido pelas autoridades de Bruxelas e Frankfurt – para melhorar a saúde econômica do país e de todo Bloco. São vários os países europeus, em especial a Alemanha[11], que emprestaram consideráveis montantes ao país balcânico. O que se tira disso é que com o dinamismo econômico atual, as estruturas financeiras regulatórias passam a ser questionadas[12]. Mais do que isso, não é possível satisfazer a todos da mesma forma com uma governança de grande escala.

Iniciativas globais no âmbito ambiental produziram limitados efeitos, apesar de diversos esforços. A 23ª Conferência do Clima, realizada em Bonn, na Alemanha, foi tratada com alguma relevância para a mídia. Entretanto, poucos analistas esperavam significativas mudanças para o controle da emissão de poluentes e consumo de energia pelos vários países do globo. O fato é que, em suas mais de vinte edições, a COP só se mostrou de fato propositiva em 2015, com os acordos de Paris, no qual convencionaram-se medidas de combate à emissão de gases estufa. Entretanto, o compromisso perdeu forças no início de 2017, quando o presidente americano Donald Trump anunciou que os Estados Unidos, segundo maior emissor de dióxido de carbono mundial[13], deixariam de fazer parte do acordo. A saída americana do trato

fornece uma valiosa conclusão: o nível de comprometimento nacional com uma causa está associado à sua política interna.

6. Tecnologia: impactos sociais e tendências

A tecnologia é essencial para que uma sociedade possa adentrar, de forma plena, na nova era digital que se desenha nas próximas décadas. Desta maneira, há um grande esforço das nações para o fomento de seus sistemas de pesquisa, tecnologia e informação. A forma de estimulo à tecnologia varia de acordo com o modelo socioeconômico de cada país: a China, nação de caráter estatista, depende da direta alocação de recursos de governo em instituições de fomento à pesquisa. O país asiático apresenta hoje o segundo maior gasto em pesquisa e desenvolvimento (P&D), investindo cerca de 400 bilhões de dólares. Os Estados Unidos lideram o ranking mundial, com quase 480 bilhões de dólares investidos[14]. O modelo de pesquisa americano, de caráter mais liberal, apresenta uma intensa relação com o setor privado, atuando de forma conjunta com grupos empresariais e industriais. Em termos relativos, Singapura, Suíça e Coreia do Sul são as nações com os maiores gastos em pesquisa *per capta*. São estes justamente os três países que mais inovam, segundo o International Innovation Index, de 2009[15]. Portanto, é razoável concluir que há uma relação de proporção direta entre o nível de desenvolvimento de P&D e investimento *per capta* neste setor.

A era digital do século XXI, supracitada, é caracterizada pela coleta e uso de um volume vastíssimo de informações nos sistemas de tecnologia. A internet das coisas (IoT), é um conceito que designa tecnologia embarcada em uma série de objetos físicos, capaz de coletar e transmitir dados. Com ela, é possível que informações sejam trocadas por um número maior de dispositivos, possibilitando a geração de tratamentos desses dados cada vez mais pertinentes, abrangentes e rápidos a quem interesse. Estatísticas dos mais diversos tipos serão imensamente beneficiadas.

Uma outra tendência desta nova era é a Inteligência artificial (AI). As máquinas e computadores atuais – capazes de realizar um suntuoso número de operações em pouquíssimo tempo – têm otimizado uma série de processos dos mais diversos tipos. Isto está relacionado com a inteligência artificial, definida como o “estudo e projeto de agentes inteligentes", no qual um agente inteligente é um sistema que percebe seu

ambiente e toma atitudes que maximizam suas chances de sucesso[16]. Não é de se surpreender que existam preocupações de grupos de indivíduos que consideram esta tecnologia prejudicial à sociedade, levando em conta a sua capacidade de substituição de inteligência humana em um grande número de atividades, em especial laborais. Um dos CEOs mais midiáticos e influentes da atualidade, Elon Musk, da empresa automobilística americana Tesla, mostra-se constantemente preocupado com o desenvolvimento da inteligência artificial, defendendo a regulação desta tecnologia para combater sua "ameaça existencial"[17]. Musk já investiu mais de 1 bilhão de dólares na companhia de pesquisa OpenAI, que estuda a criação de uma inteligência artificial cada vez mais segura[18]. Os discursos do CEO, por vezes apocalípticos, têm chamado a atenção da mídia, que têm abordado a tecnologia de forma mais ampla, discutindo suas tendências e riscos.

7. Conclusão

Hoje, é impossível discutir uma organização internacional sem levar em conta a complexa conjuntura social, política e econômica global. Até países extremamente fechados, como a Coréia do Norte, estão sujeitos às políticas estratégicas de seus vizinhos, como a China e Rússia, que por sua vez são formuladas com base em interesses geopolíticos mais amplos. O escritor americano Fareed Zakaria concluiu que "o Muro de Berlim não foi a única barreira a cair depois do colapso da União Soviética e o fim da Guerra Fria. Barreiras tradicionais como fluxo de dinheiro, pessoas e ideias também caíram". O fim da Guerra Fria com certeza atuou em favor de um mundo mais dinâmico, já que significou o fim da divisão do mundo em blocos arcaicos. Isto, aliado à tecnologia, principalmente aos recursos da internet e de computadores – que ainda estão em fase de desenvolvimento – contribuiu para um mundo marcado por intricadas redes de relacionamento entre pessoas e sociedades. As redes comerciais atuais são extremamente dinâmicas: é possível, por exemplo, realizar da América a compra e venda de commodities asiáticas, plantadas a milhares de quilômetros de distância. Isso sem contar o complexo mercado de ações, com investidores de todo o mundo comprando títulos de empresas que julgam prolíficas. A tecnologia intensificará ainda mais este quadro: hoje fala-se até em moedas virtuais, como os Bitcoins, independentes dos meios financeiros tradicionais, como Bancos

Centrais. Portanto, se tornará cada vez mais difícil fazer análises isoladas de sistemas sociais, que dependerão da conjuntura global e da complexa rede de relações citadas acima. Apesar disso, é necessário ser cauteloso quanto à processos de governança abrangentes: embora mais conectados, países ainda possuem interesses e políticas internas próprias que podem ser conflitantes com as de outra nação. Faz-se necessário atentar-se a essas particularidades. As discussões sobre tendências e o futuro são importantes, mas não devem se restringir à economia e tecnologia: as projeções demográficas também são essenciais para que as sociedades possam se preparar para receber as futuras gerações. É a partir da discussão de riscos e tendências que será possível construir um futuro mais progressista, para que se saiba aproveitar os benefícios tecnológicos, econômicos e até demográficos deste dinamismo social atual.

"Ser livre é conseguir flutuar entre a diversidade e a multiplicidade, sem perder a própria identidade"
- Dimos Iksilara

8. Referências (consulta em 22/11/2017)

1) https://tradingeconomics.com/argentina/rating
2) https://www.moodys.com/sites/products/ProductAttachments/sistemaderatingmoodys.pdf
3) EISNER, Will. O Complô: a história secreta dos Protocolos dos Sábios do Sião – São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
4) https://www.icrc.org/por/resources/documents/feature/2013/19-02-humanitarian-challenges-por.htm
5) http://www.ethiopiantreasures.co.uk/pages/derg.htm
6) https://esa.un.org/unpd/wpp/Download/Standard/Population/
7) http://www.who.int/whr/2000/en/
8) http://www.who.int/gho/publications/world_health_statistics/2016/Annex_B/en/
9) https://www.terra.com.br/noticias/dino/oms-alerta-que-2-bilhoes-consomem-agua-contaminada-em-todo-o-mundo,e6368ef2be31ff6c52b58fbcce7cc2866i7dipg3.html
10) https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/fields/2091.html
11) http://demonocracy.info/infographics/eu/debt_greek/debt_greek.html
12) https://www.uneca.org/es-blog/challenges-multilateralism
13) http://edgar.jrc.ec.europa.eu/overview.php?v=CO2ts1990-2015
14) https://data.oecd.org/rd/gross-domestic-spending-on-r-d.htm

15) http://www.themanufacturinginstitute.org/~/media/6731673D21A64259B081AC8E083AE091.ashx
16) Russell, Stuart J.; Norvig, Peter (2003), Artificial Intelligence: A Modern Approach (2nd ed.), Upper Saddle River, New Jersey: Prentice Hall, ISBN 0-13-790395-2.
17) https://www.theguardian.com/technology/2017/jul/17/elon-musk-regulation-ai-combat-existential-threat-tesla-spacex-ceo
18) https://openai.com/

Ludivine Cozette – IRI

Temas e practicas em relaçoes internacionais: "Tendencias e riscos globais" – Ensaio

Para este segundo ciclo de conferência, os oradores estavam menos preocupados com o ser humano do que com as previsões do futuro e a forma como as principais questões foram confrontadas nas relações internacionais. Eles nos apresentaram um mundo inevitavelmente interligado, tanto pela internet, pelas novas tecnologias e inteligência artificial, quanto pela produção de alimentos, que tem dificuldade para proteger todos os seus habitantes.

Para este segundo ensaio, será necessário analisar todos esses novos desafios para o mundo do amanhã e, especialmente, perceber as fontes de progresso na gestão dos principais assuntos internacionais. Sempre estar à frente da curva e mostrar grande adaptabilidade serão as qualidades exigidas apresentadas por esses novos jogadores.

I. Tendencias economicas e Riscos Financeiros

Para o inicio desse segundo ciclo de conferencias, tuvimos o prazer ter uma presentaçao dos aspectos gerais de atividade de clasificaçao de riscos de crédito da Standards and Pool Global Ratings por dos analistas, Juliana Yokota e sua colega. Eles começaram por uma rapida presentaçao de seus carreiras e do estado do mercado quando começaram a trabalhar no setor do "rating".

Foi para mim um das sessoes as mais difficieis de compreender, tanto no vocabulario quanto no campo dos estudos economicos que domino muito poco. No entanto, sua explicaçao sobre a

classificaçao foi clara e precisa, e me permitiu entender melhor as implicaçoes da existencia dessas agencias de "rating". Assim, o "rating" é definido como a avaliaçao de risco de crédito para verificar se a empresa pode pagar suas dividas em funçao de sua produçao. A melhor nota é o AAA e pode abranger tanto entidades empresariais, entidades financeiras como paises. O objetivo dessas agências independentes é dar aos investidores todas as informaçoes para fazer su investimento com todas as garantias de realizar um bom investimento.

Coma globalizaçao, elas nos explicaram que o rating é feito na escala global tambem com a avaliaçao de paises, mas isso coloca em concorrência as capacidades produtivas dos paises com as das empresas. Na minha opiniao esse "ranking" é necessario porque as ligaçoes economicas entre todas essas entidades sao inevitaveis. Contudo, para mim, é difficil colocar em concorrência paises com tao grande diferencias de desenvolvimento, por exemplo Guinea com Estados Unidos porque nao favorece o desenvolvimento justo desses paises menos avançados. Isto é que, com a tomada em consideraçao do "risco-pais", eles sao freqüentemente desfavorecidos por uma instabilidade politica caractéristica mas nao tao alarmante quanto a midia occidental pode sugerir.

Se o rating nao muda no mesmo tempo que a economia, ele continua a ser necessario para evitar os riscos de falência da economia. De fato, a crise de subprimes é a perfeita representaçao da ficçao das especulaçoes que se tornei realidade. Agências de rating sao ecusadas de ter dado notas demais boas aos obrigaçoes financieiras. Isso permitiu a creaçao de bolhas especulativas e os investidores nao conseguiram avaliar corretamente o risco de falencia das empresas. Portanto, é possivel controlar um risco global desse tipo graças a uma avaliaçao da situaçao produtiva geral, e assim, orientar o futuro. Contudo, os pesquidores na economia, nao sao todos de acordo porque algumos afirmam que a economia funciona em ciclos inevitaveis e que o mercado é controlado por a mao invisivel, uma ficçao teorizada por o economista Adam Smith.

Por fim, achei muito interesante sua exposiçao sobre o mercado de titulos verdes que começa a desenvolver. Isso visa a entender mais aos esforços ecologicos das entidades produtivas, especialmente com a avaliaçao do volume de emissoes de gases de efeito de estufa. Assim, os investidores podem comprar oligaçoes verdes, os "green bonds". Este mercado ainda me parece ainda em construção e merece uma melhor atenção e melhorias para uma melhor eficiência e atratividade para os investidores.

II. Tendencias mundiais en termos de midias

E um conceito casi mistico que nos propos l'intervenant para essa palestra sobre o tema dos mediais e de seu manera de impactar as sociedades. Orientou seu presentaçao em volta da ideia de verdade, mais precisamente de uma sociedade "pos-verdade".

Hoje, tudo vai mais rápido, a cada minuto, a internet apresenta uma notícia diferente do minuto anterior, a obsolescência acelerada se torna a regra e as ambições políticas e econômicas dos grandes do mundo prevalecem sobre o significado crítica, em declínio em relação aos fatos propostos, em objetividade. Entre as falsas notícias de Donald Trump e a proliferação de sítios satíricos, a sociedade do sensacionalismo é louvada.

O orador insiste na noção de indivíduo, de subjetividade que agora dirige informações. Por um lado, com os nossos telefones celulares e a generalização de redes sociais como Facebook ou Twitter que permitem dar feedback em tempo real, é facilitada a disseminação de todas as coisas que atravessam as cabeças dos indivíduos. Essas idéias teriam sido consideradas inúteis, agora prejudicam a nossa apreensão de informações. Isso ecoa o segundo ponto desenvolvido pelo falante, que é o fato de que as instituições reconhecidas e sérias que pretendem filtrar informações para dar os fatos mais objetivos possíveis são desacreditadas. É a opinião pública que prevalece sobre as instituições e foi assim que chegamos à eleição de Trump, sem que tenha obtido o apoio das grandes instituições e influenciadores deste mundo, Seja Wall Street, Facebook ou Hollywood.

O texto "Antes tarde do que nunca" é também um foco muito interessante sobre como a internet nos mergulha um pouco mais em nossas certezas. O Facebook, por exemplo, com algoritmos baseados na coleta de informações que damos indiretamente através de nossas interações nas redes sociais, nos oferece todos os dias uma série de artigos que correspondem às nossas idéias. Eles vão satisfazer nossos cérebros, fazendo-os acreditar que o mundo e os pensamentos dos indivíduos que vivem lá correspondem exatamente às nossas próprias opiniões. Como, então, realizar qualquer debate construtivo? Isso empurra todos os seus limites e quando as opiniões têm a oportunidade de se confrontar, provoca excessos às vezes muito violentos porque todos estão persuadidos a ter a "boa" verdade e, portanto, estão persuadidos a defender as "boas" causas, o mais legítimo. Não há nada mais absurdo para impor as próprias ideias sobre outra. Mas essa idéia me provoca uma raiva muito forte porque é exatamente assim que Hitler chegou ao poder, "propondo" um pensamento único, depois impondo-o, com todas as terríveis conseqüências que conhecemos hoje.

Finalmente, o falante, bem como o texto de Michael Schudson, propõem certas linhas de pensamento para erradicar esta notícia falsa ou pelo menos para ajudar as pessoas a entender e analisar melhor, a desenvolver um sentido crítico na opinião pública. Você deve verificar os fatos fazendo sua própria pesquisa, mas também buscando as fontes de informação: eles são oferecidos por meios não claros, simplesmente buscando fazer o "buzz" e, portanto, dinheiro? Eles são politicamente orientados e, portanto, podem favorecer alguns políticos, especialmente durante as campanhas eleitorais? Se o Google e o Facebook querem servir a democracia, eles também devem se certificar de fornecer as ferramentas certas aos cidadãos do mundo para descriptografar a informação. A idéia de melhorar os algoritmos para fornecer uma análise mais crítica da informação aos usuários é, portanto, muito boa para mim considerar o futuro com os cidadãos mais conscientes e, portanto, mais comprometidos com as mudanças a serem feitas para o mundo do amanhã .

III. Comitê Internacional da Cruz Vermelha : Missao e desafios humanitarios

Lorenzo Caraffi veio apresentar seus antecedentes, bem como a história da Cruz Vermelha, suas missões e seus desafios. Adorei sua personalidade muito dinâmica e apreciei seu compromisso com quase corpo e alma com essa organização. Já sabia um pouco sobre as ações da Cruz Vermelha, mas definitivamente me convenceu de sua necessidade primordial, bem como do respeito da sua neutralidade nas relações internacionais.

Caraffi primeiro nos apresentou seu trabalho como diplomata e várias missões que ele teve que administrar ao longo de sua carreira, incluindo a liberaçao de Ingrid Betancourt quando ele estava na Colômbia. No entanto, devo dizer que prefiro a intervenção do colega no final da sessão, que respondeu a uma pergunta sobre o papel das mulheres nas organizações internacionais. Isso me assegurou que uma mulher tem um lugar neste mundo, que, tendo caráter e trabalhando duro, podemos ter sucesso. Por isso, foi a sua palavra que me impressionou, especialmente quando falou sobre o fato de que, finalmente, há poucas mulheres que fazem esse trabalho, mas fazem isso tão bem quanto os homens e a maioria Quando eles recebem o mesmo crédito e a mesma audição. É muito importante para mim poder trabalhar em um ambiente onde eu possa ser julgado por trabalho e não sexo.

Então, durante sua apresentação da organização, ele começou com uma breve lembrança da história do CICV e seu caráter exclusivamente neutro e imparcial que foi afirmado desde o início. Descobriu muito interessante a diferença entre a neutralidade, que é abster-se de participar de controvérsias políticas, raciais ou religiosas, e a imparcialidade, que é o ato de agir

as necessidades e não as características pessoais de uma pessoa. A Cruz Vermelha, portanto, intervirá onde é mais urgente intervir.

Na verdade, é uma organização que atua sob o jugo do direito internacional e cujos funcionários desfrutam assim da imunidade diplomática e de certos privilégios, particularmente em termos de proteção funcional na implementação de atividades. O CICV deve atuar sob mandato da ONU e intervir em situações de conflito armado internacional.

Neste contexto, foi necessário lembrar a realidade no terreno. O objetivo da Cruz Vermelha é limitar as consequências da violência, por exemplo, reconstruindo escolas ou centros de saúde para melhorar a vida das vítimas desses conflitos. É preciso trinta litros de água por dia para viver e essa necessidade básica às vezes não é mais adquirida. É sobre esta reabilitação física do cotidiano e dos serviços básicos que o CICV trabalha com suas atividades de assistência, proteção, prevenção e cooperação. Seria uma questão de não querer conceder-lhe missões nas quais não está condenado. Penso, em particular, no exemplo de Guantánamo que Caraffi deu, o que mostra que a organização não é defensora das condições de detenção dos indivíduos e que só pode se contentar em dar recomendações para melhorar a situação. Sua diplomacia não é política, mas humanitária.

Além disso, Caraffi também apresentou as principais dificuldades enfrentadas pela Cruz Vermelha, o que me permitiu entender que seu papel é realmente muito mais complexo do que pensamos. Em primeiro lugar, o número de conflitos está aumentando constantemente e, portanto, é difícil intervir em todos os lugares com a mesma eficiência. Além disso, observamos uma evolução dos conflitos e as soluções que podem ser trazidas para eles, uma vez que esses conflitos são cada vez mais internacionalizados, mesmo em caso de guerra civil, e têm que enfrentar, principalmente no Oriente Médio, o aumento grupos de crime organizado e jihadistas, grupos armados difíceis de controlar. A segurança do CICV já não está totalmente garantida. No entanto, é uma organização que atribui cada vez mais ao desenvolvimento do que às emergências e que continua a atuar no longo prazo, ajudando a reconstruir alguns lugares devastados ou a reunir famílias com seus filhos.

Finalmente, teria sido muito relevante, penso eu, falar sobre o orçamento da Cruz Vermelha que, como muitas organizações humanitárias internacionais, às vezes pode ser objeto de controvérsia. Já li alguns artigos sobre o recebimento de fundos pela Cruz Vermelha, especialmente no Haiti, que não teria sido pago às populações em necessidade. Fake News ou

a verdade, teria sido muito interessante para ele nos dar sua opinião sobre essa questão de doações e sua redistribuição.

IV. Tendencias demograficas e riscos globais de saude

Depois de falar sobre sua carreira, Lucimar Coser Cannon nos deu uma visão geral de todos os problemas de saúde no nível internacional de hoje. No começo, achei que ela era uma mulher muito formidável e ambiciosa que sempre sabia lutar para ter sucesso e afirmar suas convicções. Como médico, acho seu papel como coordenador do Programa Nacional Adolescente muito apropriado.

O que interessa primeiro nesta conferência são os números relativos ao aumento da população no mundo. Seja como for, é inevitável e em menos de 100 anos, passaremos de 7,5 milhões de pessoas para mais de 11 milhões. Alguns países, especialmente no continente europeu ou na América Latina e do Sul, estagnarão ou até perderão população. No entanto, é principalmente o continente mais pobre, a África, que já é mais necessitada, o que verá sua população quase quadruplicada. Em seguida, será necessário adaptar este novo mundo a essa necessidade crescente, particularmente através da construção de infra-estrutura ou melhor acesso aos medicamentos.

Finalmente, o que lembro especialmente desta apresentação é a necessidade de uma cobertura de saúde universal que permita, de acordo com o documento da OMS, de evitar quase 94 milhões de mortes por ano. Além disso, a criação desta cobertura permitiria reconhecer a evidência de que hoje, existe um problema de saúde global, todos os riscos estão relacionados. Mesmo que possamos espalhar certas doenças por área geográfica, o fato é que, com a multiplicação de trocas ou bens humanos em todo o mundo hoje, essas doenças podem ser transmitidas em qualquer lugar, nada do que com a produção industrial de alimentos. Seria interessante, por exemplo, estabelecer padrões sanitários internacionais para a produção de alimentos, a fim de prevenir a propagação de certas doenças.

V. Processos de Governança Global: Êxitos e Fracassos

Nesta conferência, o orador apresentou principalmente os limites da governança global efetiva e os cinco principais desafios associados a ele. Foi muito interessante entender um pouco melhor as apostas da diplomacia e as diferenças de interesses e opiniões que podem mudar totalmente a implementação de uma política.

Foi antes de tudo o desafio financeiro internacional que foi construído no sistema de Bretton Woods na década de 1970, especialmente em países ocidentais. Hoje, o problema é que este sistema integrou muitos outros jogadores, mas não tem o mesmo esquema de desenvolvimento ou os mesmos padrões legais e financeiros. Por conseguinte, é muito difícil combinar todos estes fluxos e equilibrar o sistema a nível internacional. Por exemplo, a regulamentação tradicional do Fundo Monetário Internacional é manual e as regras são muito difíceis de reformar, de modo que a Holanda tenha os mesmos direitos que a China, mesmo que suas economias sejam extremamente diferentes.

Ele também falou sobre o desafio das mudanças climáticas e dos impostos comuns a todos os países que gostaríamos de impor. Agradeci especialmente a sua explicação sobre o papel de Donald Trump e de sua administração nas últimas negociações sobre o clima e a impossibilidade de integrar os Estados Unidos na construção de novos modos de produção mais respeitadores do meio ambiente em particular. Da mesma forma, no artigo New Yorker, é claramente afirmado que a administração Trump está indo contra todos os movimentos multilaterais que podem ter sido envolvidos antes. Na minha opinião, esta chegada de Trump no poder poderia ser desastrosa, mas acho que, no final, será libertadora para um grande número de países. A remoção da Parceria Transpacífica permitirá, por exemplo, que os Estados signatários deste tratado desenvolvam seus próprios padrões comerciais sem a pressão dos Estados Unidos. Da mesma forma, a decisão de Trump de se retirar dos acordos climáticos de Paris é, em última análise, uma coisa muito boa porque coloca a questão do meio ambiente no centro da agenda e, em última análise, aumenta a gravidade e a urgência da situação. ações a serem tomadas. As outras partes do tratado parecem estar acordando e sendo muito mais ativas na realização dessas reformas climáticas internacionais.

O terceiro desafio é o desafio humanitário. Todo o sistema internacional baseia-se na Convenção de Genebra, mas hoje, os protagonistas estão em conflito porque as missões de pais foram geralmente envolvidas em uma guerra entre dois países. Mas hoje, as regras mudaram e os conflitos entre beligerantes do mesmo país estão aumentando, para o qual podemos adicionar o caso de crianças-soldados e neste caso a ação humanitária em um quadro legal é complicada enormemente. Parece então que é necessária uma intervenção mais agressiva para proteger a população e participar de alguma forma nesses conflitos.

Ele então abordou o assunto dos migrantes e a confusão com o termo refugiado. Este é um tema que foi discutido em conferências anteriores, mas também falou de movimentos populacionais

dentro dos países receptores. Isso só acentuou a minha visão de que os países europeus estão escondidos por trás de suas responsabilidades e não estão prontos para aceitar a chegada de novos habitantes de várias origens em seu território. É um medo da perda de identidade que os atinge, apesar de serem nações que experimentaram enormes revoltas culturais e identitárias que nunca realmente os serviram.

Finalmente, o tema que mais me interessou são os desenvolvimentos tecnológicos, inteligências artificiais e o papel dos cientistas nas negociações internacionais. Eles são capazes de construir um registro muito completo e muito preciso de forma muito rápida para apontar os principais problemas para a resolução do aquecimento global. Eles avançam assim em outra metodologia de negociação que pode legitimar um resultado e, portanto, direcionar as escolhas políticas para decisões mais objetivas. Na minha opinião, seu papel é essencial para resolver grandes problemas internacionais. Na verdade, o texto "Desafios para o multilaterismo" mostra o fosso entre os métodos diplomáticos antigos e os novos atores e relações que estão entrando no cenário internacional e estão gradualmente reformando sua operação em profundidade.

VI. Tendenciais tecnologicas em risco digital

Bruno Ramos nos deu uma palestra sobre um tema que é muito pouco conhecido para mim, que é a segurança cibernética. No entanto, com o desenvolvimento muito forte da internet e a crescente digitalização dos dados, parece necessário proteger o que se tornou o lado digital da nossa vida política, administrativa ou social.

Ele primeiro introduziu o passo digital como um avanço muito positivo. Hoje, já não nos perguntamos se uma pessoa tem um telefone ou não, quase se tornou óbvia. As telecomunicações são o meio das relações humanas e agora tudo está interligado. Vamos tentar usar essas novas tecnologias primeiro para melhorar a vida das pessoas, seja com cidades inteligentes como Brasilia, ou com aplicações de telefone que analisem nossa saúde no cotidiano. Estes são todos os movimentos de uma sociedade que pode ser analisados.

No entanto, também há um lado ruim para todos esses avanços. Na verdade, essas coleções de dados pessoais de todo o mundo são valiosas e novos criminosos conhecidos como "hackers" entenderam muito bem. Provocarão "cyberattacks” e assumirão o controle desses servidores para dar e depois causar caos na sociedade. Este foi o caso do ciberataque "Wanna Cry" este ano em hospitais ingleses. Eles assumiram o controle de todos os produtos eletrônicos nesses hospitais e, sem esses dados ou mesmo sem as tecnologias para tratar pacientes, os hospitais

não podem mais funcionar. O objetivo desses ataques é também exigir resgate e os hackers são uma ameaça para a sociedade como um todo porque agora dependemos de todas essas tecnologias e penso que é essencial proteger esses dados.

Ramos também nos apresentou ao mercado de segurança cibernética, que está se desenvolvendo cada vez mais, mas que levanta a questão da soberania do Estado. Deve-se notar que esses dados são armazenados em níveis transnacionais e, para protegê-los, é necessário que uma ampla gama de atores concordem com o posicionamento a ser adotado. Mas como os países soberanos podem estar sujeitos às regras de segurança internacional estabelecidas pelas organizações internacionais? Ao contrário do comércio de mercadorias, por exemplo, os países não têm escolha senão aceitar essas regras porque a Internet não tem limites e os riscos não podem ser simplesmente contidos no nível de um país, eles são globais. É por isso que esta conferência me fez entender que a internacionalização das relações chegou a uma espécie de ponto de não retorno. De agora em diante, não temos escolha senão compartilhar nossa informação com o mundo e, que muitas vezes representa uma parte da nossa vida privada, pode ser violada a qualquer momento.

Na minha opinião, a segurança cibernética é, portanto, uma das áreas mais importantes na construção do futuro. É necessário proteger nossos dados para que possamos continuar a desenvolver novas tecnologias e melhorar a vida das pessoas, respeitando a sua privacidade. Mas esta conferência me lembrou o filme "The Circle", que lida com os excessos dessas tecnologias e este ponto de não retorno no conhecimento da vida das pessoas que não seria uma questão de alcance . Neste filme, os funcionários de uma grande empresa de tecnologia nova são filmados constantemente e suas ações mais pequenas são analisadas. Isso economiza as pessoas, mas também para chegar a excessos onde a privacidade não existe mais e onde vivemos apenas para os outros. Na minha opinião, as tecnologias são necessárias, mas não correspondem à realidade, especialmente no contexto das redes sociais. Portanto, é muito importante ter sucesso em desprender o máximo possível.

Conclusao:

Todas essas conferências nos permitiram entender que amanhã é jogado hoje. As noções tornam-se obsoletas muito rapidamente e as mudanças de protagonistas e afinidades são constantes. É um mundo cada vez mais surpreendente para o qual é necessário adaptar. Mais uma vez, isso só reavivou meu desejo de fazer parte dele, e especialmente de ser ativo para a

mudança, para uma maior conscientização dos cidadãos do mundo sobre os problemas que estão escondidos deles e para mais intervenção eficaz no aquecimento global.

Conservo duas ideias principais desse segundo ciclo de conferências. Primeiro, a importância do Facebook e do Google no jogo diplomático e político internacional. Eles atuam na base das decisões, ao nível da cidadania e, portanto, é necessário que atuem no interesse dos cidadãos. Eles podem ser muito bons vetores da democracia, mas isso só será feito uma vez que todos terão acesso a uma notícia diversificada e, acima de tudo, verdadeira, para formar sua própria opinião sobre os principais problemas do amanhã. Por fim, a segunda é o papel primordial dos cientistas na visualização e especialmente na mudança do mundo do amanhã. Na minha opinião, é muito importante que seu papel seja muito mais visível e valorizado, porque eles podem ter soluções muito mais objetivas do que os líderes políticos para a resolução de problemas internacionais, sejam eles financeiros, humanitários ou mesmo climáticos.

Assim, todas essas conferências me permitiram me questionar sobre o meu futuro compromisso e foi uma ótima experiência para participar de tantas apresentações de diferentes caminhos e idéias. Finalmente, acredito que meu desejo de mudar o mundo se tornou ainda mais forte.

Referências Bibliografias

CASSIDY John, Donald Trump's New World Disorder, The New Yorker, 24/01/2017

DE SA, Nelson. "Antes tarde do que nunca", Observatorio da Imprensa, 15/08/2017

LOPES, Carlos. "Challenges to multilateralism", United Nation Economic Commmission for Africa, 20/02/2015

RECH, Marcelo. "Uma chance para o otimismo", Observatorio da Imprensa, 15/08/2017

"OMS estima custo de alcançar metas globais de saúde até 2030", Organizaçao Pan-Americana de Saude, 17/07/2017

Renê Naimeg da Mata[1] (IRI)

[1] Aluno do primeiro ano de Graduação do Bacharelado em Relações Internacionais. Número USP: 10374128.

Introdução

Na primeira parte do curso de Temas e práticas em Relações Internacionais, foi exposta a base do sistema internacional e alguns dos grandes temas na área de tendências e desafios para a humanidade, neste trabalho serão exploradas mais facetas dessas complexas questões a fim de formar um posicionamento crítico que auxilie na elaboração de propostas de mundo.

Tendências Econômicas e Riscos Financeiros - Julyana Yokota e Maria Renata Loft (Standard & Poor's).

"*Finally standardizing and grading green investments is paramount to deliver transparency and market liquidity alongside of environmentally sound outcomes*"

- OCDE, Policy Framework for Green Infrastructure Investment (2012).

Uma das grandes tendências do mercado atual é a compra de fundos verdes, mas por muito tempo foi difícil que governos e investidores colocassem seus recursos nessa área, visto que havia uma confusão quanto à própria definição de um investimento verde. A partir do momento em que agências de rating, como a Standard & Poor's, e organizações como a OCDE se esforçaram para definir e classificar esses empreendimentos, eles deslancharam, já que o mercado pôde ser guiado e suas inseguranças reduzidas.

Portanto, vemos que não só nesse caso, mas em outros ao longo da história, as sociedades sempre buscaram métodos para sistematizar os problemas da realidade, para tanto houve a criação de diversos métodos quantitativos em variadas áreas, mesmo nas ciências humanas. Desse modo, não é uma surpresa o fato de existirem os ratings, isto é, a classificação de risco, que se refere a um mecanismo de classificação da qualidade de crédito de uma empresa, um país, um título ou uma operação estruturada, de acordo a probabilidade de calote (default).

Tais ferramentas possuem um uso que se torna cada vez mais diversificado e importante, visto que são desenvolvidos para possuírem capacidade de comparatividade global, algo extremamente importante no auxílio a governos e a investidores para que eles tenham a capacidade de alocar seus recursos de maneira mais eficiente em um contexto de globalização cada vez maior em que as incertezas e os desafios se multiplicam exponencialmente.

Ademais, um dos problemas enfrentados pelas agências de risco é que é necessária a transparência na passagem de informações das companhias e governos para elas, o que muitas vezes vai de encontro aos pensamentos mais receosos, o que gera a necessidade do desenvolvimento de transparência de governança.

Tendências das Mídias Sociais: Opinião Pública e Democracia - Carlos Eduardo Lins da Silva (IRI/USP).

Cultura de esperança, cultura do medo, cultura do autoritarismo. Percebe-se que a consciência coletiva quanto à realidade ao entorno é formada em grande parte pelo papel da mídia. O nosso segundo desafio apresentado aqui é o fato de a credibilidade das informações providas por ela estarem diminuindo cada vez mais, já que ocorre a propagação de *fake news* pelas redes virtuais. O ano de 2016 viu uma escalada no número desse tipo de notícias em virtude da facilidade de compartilhamento oferecida pelas mídias sociais, o que pode ter mesmo influenciado a eleição da maior democracia do mundo, os Estados Unidos da América, com notícias que iam desde o Papa endossar a candidatura de Trump a Hillary Clinton ter vendido armas para o Estado Islâmico. Isso se aproveita da facilidade de manipulação da natureza humana por meio de estímulos aos sentimentos, geralmente através do maniqueísmo. Desse modo, a *doxa* se sobressai em detrimento da *episteme*. É nessa situação que se insere o termo ‘’pós-verdade’, o qual indica a sobrevalorização das emoções e opiniões frente aos fatos, e foi considerada a “palavra do ano” pela Universidade de Oxford em 2016.

As notícias citadas acima obtiveram em um mês cerca de 2 milhões de interações no facebook, enquanto a história do The New York Times com melhor performance recebeu 370 mil interações, de acordo com dados do Buzzfeed. Sendo assim, é perceptível a necessidade de uma maior regulação dos meios disseminadores de conteúdo, visto que eles são veículos neutros, ou seja, podem ser usados tanto para o bem quanto para o mal. Dessa maneira, iniciativas como o Marco Civil da Internet realizam um avanço importante, uma vez que este funciona como uma Constituição da internet brasileira. Não obstante, é vital que nessas modalidades de documento, que passarão a ser cada vez mais comuns, existam determinações expressas dos direitos e deveres dos grandes difusores de conteúdo, como como Google, Twitter e Facebook, a fim de eles se tornem mais sejam mais responsáveis e transparentes.

Enfim, em um época em que a democracia se tornou mais disseminada, ocasionando o aumento do poder da opinião pública, é preciso que esta esteja bem informada e preparada para lidar com as informações que recebe de forma crítica.

Tendências demográficas e os riscos globais de saúde - Lucimar Coser Cannon (OMS/OPAS).

Em 2011, o governo da Austrália decidiu que as empresas de tabaco não poderiam dispor seus logos e cores nas embalagens dos cigarros, estas ficariam com uma cor padrão e com informativos médicos. Em seguida, a companhia Philip Morris Asia Limited levou o Canadá para uma arbitragem internacional alegando que tal medida violava o acordo de comércio bilateral com Hong Kong.

Por meio desta informação fica visível os impactos da chamada interdependência complexa, em que há a intensificação da ação de atores transnacionais no Sistema Internacional, entre eles as multinacionais como a companhia citada. Sendo assim, a própria saúde fica em risco face às ganâncias e ao poder das grandes empresas, como disse o então ministro da saúde australiano, Nicola Rixon, " enquanto as companhias lutam para proteger lucros, nós lutamos para proteger vidas".

Contudo, muito além disso, a saúde dos indivíduos se encontra ameaçada por um período em que as previsões não são boas, principalmente no âmbito ambiental. É necessário compreender que a saúde é a base da existência humana, ela afeta tudo e tudo a afeta. Ao analisarmos riscos ambientais e econômicos, riscos de saúde estão implícitos, uma vez que com crises de desabastecimento, a população de um país fica privada de necessidades básicas que, por vez, afetam a sua saúde. Isso pode ser constatado pela crise da Venezuela, na qual se observa que os venezuelanos chegam ao Brasil com diversas doenças decorrentes da má nutrição. Acrescido a isso, o mundo vive a quarta Revolução Industrial, uma realidade em que se vê uma demanda sem precedentes do mercado frente aos indivíduos, de forma que esses precisam de um sistema de amparo social forte, o qual tem como um de seus principais componentes a saúde pública.

Ademais, é preciso considerar os desafios provenientes de uma população que apresentará grandes mudanças demográficas, já que as estimativas apontam que tanto no âmbito global quanto brasileiro haverá um aumento da população até em torno de meados do século XXI, quando então, diminuir-se-á o ritmo e a população reduzirá expressivamente em direção ao ano

de 2100. Portanto, a tendência mundial é uma população menor e mais velha, o que tornará o avanço da sociedade mais difícil, sendo, portanto, necessário que os países que se encontram na janela de oportunidade de uma população majoritariamente jovem aproveitem esse momento em que é mais fácil progredir.

Comitê Internacional da Cruz Vermelha: Missão e Desafios Humanitários - Lorenzo Caraffi (CICV).

O quarto desafio abordado neste ensaio se relaciona às organizações não-governamentais, as quais ganham um destaque cada vez maior nas relações internacionais, visto que são capazes de ter uma atuação mais próxima das realidades locais, o que as faz ter pareceres extremamente válidos frente à comunidade internacional, os quais são ouvidos até mesmo em Assembleias da ONU. Contudo, sua presença ainda é contestada, há, por exemplo, quem ache que a atuação delas impeça que os governos desenvolvam a capacidade necessária para realizarem suas obrigações.

Não obstante, antes de tudo, é necessário salientar que tais manifestações da sociedade civil são ancoradas nos princípios de independência (não há representação de Estados), imparcialidade (não faz distinção de quem atende, como quanto a sexo e etnia, o único critério é atender quem está em maior necessidade) e neutralidade (não escolhe lados nos conflitos).

Ao se olhar as tendências do incipiente século XXI, percebe-se, como apontou Caraffi, que os conflitos armados estiveram em constante aumento. Contudo, figuram-se como menos propícios às soluções políticas tradicionais, o que se exemplifica pela internacionalização das guerras civis, o aumento do crime organizado e da presença de grupos jihadistas nos conflitos. Em meio a isso, as normas perdem cada vez mais seu caráter absoluto para se transformarem em bens transacionáveis, o que torna o trabalho humanitário mais difícil de ser realizado. A própria vida dos trabalhadores fica em maior risco, a guerra na Síria viu o bombardeamento de diversos hospitais apoiados pelos Médicos Sem Fronteiras, por exemplo.

Além disso, em meio a conflitos prolongados e deslocamento forçado, encontra-se um paradoxo, diversas crises sao basicamente esquecidas pela mídia em uma realidade de hipercomunicação, como o caso da guerra no Iêmen, uma das crises mais sérias da atualidade e que possui uma cobertura pífia.

Processos de Governança Global: Êxitos e Fracassos - Carlos Lopes (Ex- Conselheiro

Presidente da Assembleia Geral das Nações Unidas e Professor da University of Cape Town e da University of Oxford).

The Tragedy of the Commons, de Garret Hardin, mostra os problemas da superexploração de recursos comuns, sendo possível constatar que a atualidade continua a possuir esse problema, mas amplificado pelos *spillovers* do desenvolvimento humano que avançou sobre todas as áreas. Há um descompasso entre os interesses nacionais e as necessidades globais, por exemplo no caso da Amazônia, em que pode até ser economicamente interessante para a exploração por parte de empresários brasileiros, mas representa algo que transcende a realidade do país. Não obstante, para além desses recursos considerados tradicionais, a atualidade se engendra em novas áreas comuns, como a internet e o espaço.

Entretanto, as resoluções desses e de outros problemas globais são travadas pela ineficiência dos processos multilaterais da atualidade, uma vez que a maioria das normas que governam o Sistema Internacional foram criadas em um contexto diferente e menos complexo. O período atual encara desafios como as distorções no sistema financeiro internacional, a migração e o refúgio em massa, o avanço da tecnologia e sua interação com a sociedade e a mudança dos protagonistas dos conflitos bélicos, a qual causa problemas na aceitação das antigas referências humanitárias (i.e Convenções de Genebra) e na condução de operações de paz.

Enfim, é necessário criar mecanismos que impossibilitem que os interesses divergentes dos quase 200 países membros das Nações Unidas deixam o Sistema Internacional inerte e à mercê dos desafios da atualidade. Sendo assim, segundo o professor de Oxford Ian Goldin, uma possibilidade seria focar em conseguir influenciar os grandes atores de cada área a agir primeiro, já que Nova Iorque, por exemplo, emite mais CO2 do que toda a África Subsaariana. Além disso, como o conferencista do dia apresentou, existe a possibilidade de se seguir exemplos de sucessos passados, como o Painel Científico de Mudanças Climáticas, em que cientistas especialistas nas diversas áreas do assunto fizeram um documento e os países tiveram simplesmente que aceitá-lo como um todo ou não, ao invés de revisá-lo parágrafo por parágrafo, como tradicionalmente se faz.

Tendências tecnológicas e segurança digital -

Bruno Ramos (Chefe do Escritório da UIT para a região das Américas).

Uma tendência atual é o aumento da interconexão entre as atividades do cotidiano e a internet em todas as áreas, com *e-health*, *e-learning*, *e-government*, entre outros, ou seja, toda a sociedade passa a estar dentro da "rede", sendo que nesse avanço surgiriam até mesmo cidades inteligentes, que a partir de uma infraestrutura crítica, coletariam uma quantidade massiva de dados a fim de melhor compreender e suprir as necessidades das sociedades. Não obstante, em meio a uma sociedade cada mais mais interconectada e dependente da "rede", surge a questão dos ciberataques, que podem ser de diversas modalidades, e colocam em risco questões básicas do cotidiano, como o sistema de transportes e de saúde, como já ocorreu recentemente em Berlim e em Londres, respectivamente. Ademais, surgem discussões sobre a questão do sigilo de dados pessoais versus a segurança da sociedade.

Nesse mesmo viés, percebe-se que o principal problema em relação à cibersegurança é que, como Eric Schmidt disse, a internet é a única coisa que o homem construiu e não compreende. Sendo assim, há uma falta de conhecimento desse assunto por parte dos ''governadores globais'', de forma que existe a urgência de conhecer melhor o problema para poder resolvê-lo. Desse modo, os Estados deveriam investir principalmente em jovens para o avanço dos conhecimentos nessa área, a fim de que eles possam ser passados nas universidades com maior propriedade em áreas com a política e a economia internacionais, bem como empregar mais desses indivíduos nos governos com a criação de novos cargos específicos para a área de cibersegurança.

Diversas foram as propostas para o aumento da segurança nacional face a esses riscos, contudo a maioria delas apenas aparentam prover mais segurança aos indivíduos, como a criação de e-mails nacionais e novos cabos transoceânicos. Por conseguinte, seria mais adequado o investimento na ampliação dos processos de criptografia, como mostram análises, pois ainda que a ação estatal possa ser limitada em casos pontuais pela falta de acesso a alguns dados, certamente isso é melhor do que deixar a sociedade como um todo à mercê de possíveis ciberataques.

Conclusão

Através das reflexões que fiz a partir dos conteúdos tratados no curso de Temas e Prática em Relações Internacionais, percebi que o grande problema na resolução dos problemas globais se encontra na falta de distinção dos governantes entre os interesses nacionais e os interesses mundiais. Sendo assim, as instituições internacionais, as quais são em si mesmas um grande

desafio, dada a defasagem de seus processos, ficam travadas, o que gera descrédito do multilateralismo e dificulta a resolução de problemas ainda mais.

Obviamente, não há uma solução clara para o problema que eu possa escrever aqui, mas a partir do que foi aprendido, os alunos do curso em questão tiveram uma maior compreensão da abrangência dos desafios para o século, bem como do fato que devem se capacitar a fim de alcançar resultados que transcendam o indivíduo e o Estado Nacional.

Creio que os primeiros passos para mudar a realidade estejam envolvidos com a remodelação das instituições internacionais, principalmente no que tange aos processos decisórios, à vinculatividade de suas determinações e a sua adaptação para maior expressão dos países do Sul Global, que inclusive deveriam criar novas organizações.

Tudo isso é possível através da abertura para a tecnologia e para a juventude dentro dessas organizações, a fim haja uma renovação das perspectivas em relação a como os problemas são tratados, para tanto os jovens devem se capacitar ao máximo, sendo universidades essenciais nesse processo.

Bibliografia:

MAURER, Tim; MORGUS, Robert; SKIERKA, Isabel; HOHMANN, Mirko. **Technological Sovereignty: Missing the Point? An Analysis of European Proposals after June 5, 2013**. New America's Open Technology Institute and the Global Public Policy Institute (GPPi), [S.l], nov. 2014.

LOPES, Carlos. **Challenges to multilateralism**. The UN Special Magazine, [S.l], mar. 2015. Disponível em: <https://www.uneca.org/es-blog/challenges-multilateralism>. Acesso em: 25 nov. 2017.

United Nations, Department of Economic and Social Affairs, Population Division. **World Population Prospects**: The 2017 Revision, Key Findings and Advance Tables. Working Paper No. ESA/P/WP/248. Disponível em: <https://esa.un.org/unpd/wpp/Publications/Files/WPP2017_KeyFindings.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2017.

S.GOLUB, Stephen; KAUFFMANN, Céline; YERES, Philip. **Defining and measuring green FDI**. OECD Publishing**,** França, jan. 2011. Disponível em: <http://www.oecd.org/daf/inv/investment-policy/WP-2011_2.pdf> . Acesso em: 15 nov. 2017.

RITCHIE, Hannah. **Read all about it**: The biggest fake news stories of 2016. CNBC, [S.l], 30 dec. 2016. Disponível em: <https://www.cnbc.com/2016/12/30/read-all-about-it-the-biggest-fake-news-stories-of-2016.html>. Acesso: 24 nov. 2017.

Hurst, Daniel. **Australia wins international legal battle with Philip Morris over plain packaging**. The Guardian, 18 dec. 2015. Disponível em: <https://www.theguardian.com/australia-news/2015/dec/18/australia-wins-international-legal-battle-with-philip-morris-over-plain-packaging>. Acesso em: 20 nov. 2017.

Yuri Gonçalves Hidd Vasconcellos (FD)

Introdução

O presente ensaio pretende construir reflexões críticas sobre o conjunto de assuntos debatidos nas conferências do segundo bimestre do curso de Temas e Prática em Relações Internacionais. A disciplina tem, dentre seus ideais, propor para os estudantes o debate sobre temas de grande pertinência no contexto global de hoje, como crises humanitárias, telecomunicações e participação da mídia na democracia, todos postos na perspectiva de suas tendências e riscos.

Assim, tal contato visa a preparar cada um para as incertezas do amanhã e acompanhar a realidade que muda rapidamente. Tentar compreender um mundo que parece fora de controle é essencial para formular políticas e regulações que, ao mesmo tempo, mitiguem os riscos e acompanhem as tendências, sendo de grande importância o papel do Direito e das instituições democráticas na construção do futuro, que se dá todos os dias.

Aula 09 | 05/10 - Tendências Econômicas e Riscos Financeiros

O sistema financeiro mundial teve seu grau de complexidade aumentado gradativamente em eventos da segunda metade do século XX. Dentre eles, cita-se a quebra do acordo de Bretton-Woods pelos Estados Unidos, o fim do padrão ouro, a desnacionalização de mercados, o relaxamento das regulamentações e o aumento extremo da liquidez de capitais. Tudo isso introduziu uma série de novidades na dinâmica do mercado contemporâneo que não se sabia lidar bem nem prever os efeitos. Isso culminou na crise de 2008, com o estouro da bolha imobiliária.

A impossibilidade de prever o risco que havia no empilhamento de promessas de empréstimos e de escape de capitais que gerou o estouro pôs em xeque o sentimento de que hoje temos mais capacidade técnica para nos precavermos de catástrofes. Isso se agrava num mundo globalizado, em que fenômenos como esse se refletem de forma escalonada no globo inteiro. Essa incerteza questiona, ainda, princípios como a segurança jurídica que o Estado deveria garantir.

Dentro disso, foi abalada também a confiança das agências de *rating*, que avaliam riscos de crédito e a capacidade de pagar dívidas de empresas, governos e outras entidades. Essas analisam aspectos qualitativos e os tornam quantitativos, sendo suas análises muito utilizadas para definir estratégias no universo financeiro. Contudo, isso depende radicalmente na relação de confiança e de respaldo técnico que essas agências possuem. Ao mesmo tempo, a precisão de suas análises dependem da transparência com que as instituições avaliadas se mostram para elas. A falta de transparência do que ocorria no mercado foi um dos motivos que levou à crise e à dificuldade de prevê-la. A desregulamentação excessiva ocorrida com a onda neoliberal pósConsenso de Washington acabou por deixar que isso acontecesse, mostrando a importância da ação do Direito para evitar tais riscos econômicos.

Mesmo com esse abalo, essas agências reconquistam a confiança de seus credores e se mostram ocupando outros papéis além de avaliar apenas riscos de créditos. O *green evaluation* feito por elas mensura a capacidade de empresas de mitigar os impactos ambientais produzidos em suas atividades e sua resiliência em se adaptarem às mudanças climáticas dentro de seus contextos. As bem avaliadas ganham um selo *green bond*, melhorando sua chance de comprar ativos verdes e também sua reputação e diplomacia no mercado.

Dessa forma, as agências de *rating* comprovam sua importância não só em medir e diminuir a chance de riscos financeiros, mas também contribuindo para a adaptação de uma série de

instituições à conjuntura da mudança climática. Ainda, destaca-se a necessidade dos dados que coletam, caracterizados por primazia técnica, para a definição de políticas públicas e econômicas, assumindo também uma relevância política.

Aula 10 | 19/10 - Tendências das Mídias Sociais: Opinião Pública e Democracia

Considerada a palavra do ano de 2016, o termo *fake news*, usado amplamente nas campanhas presidenciais dos Estados Unidos no ano passado, indica a propagação de notícias falsas e sensacionalistas. Na era de uma "pós-verdade" e de mídias sociais, é fácil compreender a disseminação tão rápida de conteúdos falaciosos e equivocados, porém é de grande complexidade resolver tal questão.

As redes sociais podem ser comparadas a uma máquina de caça-níqueis: atualizamos o *feed* inúmeras vezes esperando encontrar coisas que nos interessem, sendo extremamente rápidos e seletivos com o que realmente paramos para analisar – como num cassino, ignoramos as vezes em que não obtemos nada e continuamos jogando até recebermos algo. Nessa comparação, ganhar seria encontrar uma notícia interessante, compartilhá-la e recebermos a aprovação por isso, por meio de curtidas. Num mundo em que o intelectualismo e o raciocínio crítico está queda em detrimento do consumo rápido de informações de curta vida útil, valorizase mais os chamados *doers* do que os *thinkers*. Ou seja, aqueles que produzem coisas novas, independentemente de sua credibilidade, são mais valorizados do que aqueles que ativamente procuram criticar com embasamento.

No mercado jornalístico, isso se reflete na medida em que geram-se manchetes sensacionalistas que procuram mais chocar e se tornarem virais rapidamente. Entretanto, a informação é uma arma extremamente poderosa na democracia, capaz de mudar os rumos da opinião pública. Essa ferramenta se torna ainda mais perigosa no cenário de polarização e de ascensão de partidos e políticos extremistas, como Donald Trump, Jair Bolsonaro e Marine Le Pen.

É essencial, contudo, responsabilizar não só os criadores de conteúdo por essa polarização, mas também seus intermediários: as redes sociais. O algoritmo usado pelas empresas que tem praticamente o duopólio da internet, Google e Facebook, mostra ao usuário notícias de seu interesse e que, na maioria das vezes, reforça apenas a sua própria opinião, criando câmaras de eco em vez de pontes para o diálogo com outras partes e a valorização de pensamentos diferentes.

Nesse sentido, uma solução seria a maior transparência do uso desse algoritmo e a sua regulação a fim de diminuir as bolhas de informação criadas por ele e permitir a diversidade essencial à democracia. Dessa forma, poderíamos evitar a disseminação de *fake news* ao construir pontes com opiniões opostas, levando ao questionamento e ao raciocínio crítico. O perigo está em justamente, como diz o ditado, a mentira contada muitas vezes acabar por se tornar um verdade.

Aula 11 | 26/10 - Comitê Internacional da Cruz Vermelha: Missão e Desafios Humanitários

Hoje, a ONU acredita que o mundo vive a maior crise humanitária desde a sua criação, ao fim da 2ª Guerra Mundial. Contudo, é bem difícil compararmos o que se vive com outras crises já passadas: a atual é cheia de contradições às quais os modelos tradicionais de resolução de conflitos e de mitigação de seus efeitos possui dificuldades em se adequar.

Se nas guerras mundiais do século XX sabia-se bem quais eram as partes em confronto, hoje as peculiaridades do crescente número de crises são de complexa compreensão. As guerras civis, como a da Síria, não se resumem em apenas o governo *versus* rebeldes, mas envolvem a participação de grupos extremistas religiosos e terroristas, além de intervenções russa e norteamericana. Ao mesmo tempo, essas guerras e dificuldades enfrentadas pelos países geram fenômenos como o crescimento dos deslocamentos e do volume de refugiados no mundo. A internacionalização de problemas antes mais regionais é um dos motivos da complexidade em combater a problemática.

Nesse sentido, as abordagens tradicionais tendem a falhar por não terem o aparato jurídico do Direito internacional humanitário e técnico das instituições adaptados para a nova realidade. Guerras prolongadas em que não há distinção clara entre seu desenvolvimento e a sua emergência, ou em que a linha que divide civis de militares é mais tênue, não entram nos moldes e procedimentos protocolares dos organismos internacionais, criando dificuldades em se saber como agir.

É essencial, portanto, a coordenação desses órgãos em busca de consensos sobre a abordagem dessas crises humanitárias. Entidades como o Comitê Internacional da Cruz Vermelha, mesmo sem ser ligado diretamente às Nações Unidas ou mesmo contar com a participação de Estados nacionais, tem uma participação importante na mitigação dos efeitos dessa crise. O CICV tem

alta credibilidade por manter sua postura neutra e imparcial em relação às diversas partes, ajudando em diversas frentes de atuação não só em conflitos armados, mas também em países que sofrem de fome, miséria e violência extremas.

Ainda, cabe ressaltar como o debate sobre a questão humanitária se mostra paradoxal na medida em que tempos uma hipercomunicação, com divulgação massiva de informação, mas ao mesmo tempo há crises invisibilizadas, como a do Iêmen e outras principalmente do continente africano. Tal debate retoma diretamente o anterior sobre o papel da mídia na formação da opinião pública dentro dos processos democráticos, tendo como exemplo o falso entendimento que a Europa é o continente que mais sofre com a crise de refugiados, enquanto o sofrimento contínuo na África é eclipsado.

Aula 12 | 09/11 - Tendências demográficas e os riscos globais de saúde

Os avanços em saúde pública, saneamento básico, alimentação e planejamento familiar mudaram progressivamente as pirâmides etárias das nações: em algumas aumentando a natalidade e fazendo crescer o número de jovens, outras reduzindo a fecundidade e elevando a expectativa de vida. Essas tendências geram, entretanto, a necessidade de adaptação para cumprir Objetivos do Desenvolvimento Sustentável da ONU, que pretendem assegurar a saúde o bem-estar da população.

Hoje, já compreende-se que saúde não corresponde somente ao funcionamento normal do organismo, mas também ao bem psicológico, ambiental e social do indivíduo. Nessa perspectiva, há cada vez maior necessidade de proteção do indivíduo, que perpassa uma ampla gama de fatores.

Dentre os riscos ao bem-estar, vários estão ligados às mudanças climáticas: desastres ambientais, eventos extremos, doenças respiratórias relacionadas à poluição, transmissão de doenças cujos vetores são insetos, entre outras. Outras, relacionam-se às tendências demográficas, como doenças ligadas à terceira idade, como quedas e Mal de Alzheimer. Ainda, existem as causadas pelo estilo de vida no mundo moderno: o consumo de *junk food* e a força da indústria do açúcar e do tabaco fazem crescer os casos de diabetes, obesidade e hipertensão.

Dessa forma, confere-se que a complexidade em se preparar para o futuro na área da saúde envolve um grau enorme de cooperação para a proteção social dos cidadãos, uma vez que os determinantes que moldam a saúde pertencem a áreas como indústria, trabalho, alimentos e

urbanização. Como dito por Lucimar Coser, os indicadores de saúde têm a capacidade de equalizar políticas em torno de esforços para melhorá-los. Percebe-se, portanto, que esse é um dos temas mais essenciais do curso para conseguirmos compreender processos de governança e como torná-los mais coesos e cooperativos em prol de causas que afetam os seres humanos como um todo.

Aula 13 | 16/11 - Processos de Governança Global: Êxitos e Fracassos

Como debatido em várias conferências, o mundo multilateral levanta novos desafios aos quais métodos e conceitos mais tradicionais não atendem às demandas de repostas rápidas e eficazes. A falibilidade das instituições em encontrar consensos que agradem, ao mesmo tempo, os mais de 190 países do sistema ONU mostra a urgência em se adaptarem a métodos mais modernos de negociação. Um exemplo é a Organização Mundial do Comércio, polarizada em blocos de países emergentes e desenvolvidos, que discute o Acordo de Doha há 16 anos sem encontrar consenso algum sobre políticas protecionistas. Mesmo quando se encontra um acordo geral, como na COP-21 sobre a redução dos impactos ambientais, isso se dá de maneira extremamente demorada e falha, uma vez que os Acordos de Paris não têm força vinculante ou sancionatória.

Grupos como o G20 se destacam pela sua eficiência interna, contudo isso não implica que suas decisões devam automaticamente serem transplantadas para outras nações. Além de eficiência, é preciso pesar a legitimidade que um fórum democrático mundial como a ONU deve ter. Decisões unilaterais ou tomadas por uma minoria de países ricos reforçam déficits de legitimar as ações aos olhos do resto do mundo, contrariando a autonomia e soberania nacional de outros Estados que devem, em tese, ter o mesmo poder do voto que os outros. Ainda, vemos o debate político saindo do âmbito puramente das instituições governamentais e sendo ocupado por entes da sociedade civil, ONGs e mídia. Por isso, é papel da ONU também incluir esses novos agentes dentro da construção de decisões cooperativas.

Dentre os exemplos positivos que temos está o IPCC. O seu respaldo técnico e facilidade de comunicação e entendimento entre os pesquisadores membros faz com que seus relatórios sejam facilmente positivados na legislação de cada Estado. No contexto de busca concomitante por legitimidade e eficiência, o órgão encontra o seu conteúdo legítimo em sua capacidade técnica, fugindo das concepções mais tradicionais e formalistas em que isso só seria possível através de longos debates e burocracias entre vários Estados. Ao mesmo tempo, não deixa de

lado conceitos de soberania nacional, uma vez que suas decisões tem de ser aprovadas pelo parlamento das nações. Sua atuação demonstra que é possível que as Nações Unidas busquem melhorar a comunicação e a eficiência de suas instituições sem, necessariamente, abandonar seu caráter democrático.

Aula 14 | 23/11 - Tendências tecnológicas e segurança digital

A revolução gerada pela internet foi, sem dúvida, a que mais alterou aspectos globais da vida humana em menos tempo. Há menos de 30 anos atrás, era impossível imaginar a quantidade de dados que temos acesso hoje em tão poucos dispositivos. Tal fenômeno possui, em tese, extremo potencial para tornar mais democrático o acesso à informação: aulas, livros, notícias, tudo a alguns cliques para todos. Contudo, na nova divisão internacional do trabalho que se forma, percebemos que existem nações inteiras sendo excluídas socialmente, justamente por hoje as telecomunicações serem base de desenvolvimento econômico.

A inserção social não é mais, apenas, capacitada pela tecnologia, mas também condicionada por essa: os conceitos atuais de inserção são postos nas medidas em que a interconectividade se coloca hoje. É essencial nos processos de comunicação e cooperação entre diversos agentes e processos de governança, na colaboração entre indivíduos de forma a superar barreiras linguísticas e territoriais, para participar de processos democráticos e até para adentrar no sistema financeiro atual, baseado na informatização. Tanto é que as Nações Unidas já declarou que filtrar o acesso à rede uma violação aos direitos humanos.

Nesse sentido, a União Internacional de Telecomunicações (ITU, em inglês) trabalha com o levantamento de dados, como o *Measuring the Information Society Report*, a fim de compreender as desigualdades do processo de inclusão digital e definir políticas e padrões de base legal e técnica para sua implementação. Ainda, tem papel na formação de inteligência para combater ataques virtuais, cada vez mais comuns.

No contexto de *internet of everything* em que todas as informações sobre tudo tendem a estar em rede, a cybersegurança se torna uma questão também de soberania nacional, segurança e estratégia, sendo que os riscos aumentam na mesma proporção dessa tendência de informatização. O sequestro virtual causado pelo vírus *WannaCry*, em maio deste ano, acessou computadores de hospitais públicos na Inglaterra cancelando atendimentos e redirecionando

ambulâncias, exemplo que mostra a ameaça representada por ataques virtuais a própria vida humana.

A ITU, portanto, atua no sentido de tentar prevenir e mitigar os efeitos desses perigos. A realização de *Cyber Drills* (ataques simulados pela própria organização para testar as defesas virtuais das nações) e o compartilhamento de informações são algumas de suas ações a fim de preveni-los e manter a infraestrutura crítica necessária no funcionamento de inúmeros serviços. Como afirma o professor Jacques Marcovitch, a consciência dos riscos e das consequências da inação são essenciais para nos prepararmos para o futuro incerto, e a atuação a ITU reflete tais valores.

Conclusão

O curso de Temas e Prática em Relações Internacionais concluiu, com êxito, seu objetivo de debater temas pertinentes na perspectiva do mundo multilateral. Foi possível, além de obter uma perspectiva sobre tendências e riscos, o compartilhamento de valores e ideais a serem perseguidos para a construção de um futuro melhor. Dentre eles, a empatia, o diálogo e a capacidade de se renovar se destacam.

A elaboração deste ensaio mostrou que os temas não se encontram individualizados, mas como parte do todo a ser construído: é impossível deixar de relacionar a atuação na mídia nas crises humanitárias, ou do sistema financeiro como parte importante da *internet of things*, ou ainda o uso dos indicadores de saúde para a coesão nos processos de governança. Ao percebermos que tudo está interconectado mas que, ao mesmo tempo, não podemos lidar sozinhos com todos, levantamos o nosso olhar para o outro. Entendemos a importância das ações coordenadas a fim de construir pontes para o diálogo e, assim, também para o futuro. Esse que, na verdade, está sendo feito todos os dias, no presente. Como cita Carlos Drummond de Andrade:

> "O presente é tão grande, não nos afastemos
> Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas"

Referências https://nacoesunidas.org/onu-debate-seu-papel-na-governanca-global/. Acesso em 30 de novembro de 2017.

https://www.cartacapital.com.br/internacional/crise-humanitaria-direito-moralidade-esolidariedade-139.html. Acesso em 1 de dezembro de 2017.

https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/hospitais-publicos-na-inglaterra-sao-alvo-cyberataques-em-larga-escala.ghtml. Acesso em 1 de dezembro de 2017.

http://pontoeletronico.me/2017/anti-intelectualismo/. Acesso em 28 de novembro de 2017.